

NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA CRECHE DE REDE PÚBLICA QUANTO A PROCEDIMENTOS REALIZADOS DIANTE DO ENGASGO EM CRIANÇAS

Warly Neves de Araújo
UnirG - Gurupi-TO

Maria Helena de Araujo Pereira Dionizio
UnirG - Gurupi-TO

Raquel Bezerra Ferreira
UnirG - Gurupi-TO

RESUMO

A educação infantil é essencial para o desenvolvimento da criança, mas também enfrenta desafios como a obstrução de vias aéreas por corpo estranho (Ovace), conhecida como engasgo, que causa mais de 2 mil mortes anuais em menores de cinco anos no Brasil. A Lei Lucas (2018) tornou obrigatória a capacitação de profissionais de educação em primeiros socorros, destacando a manobra de Heimlich como técnica eficaz. Crianças pequenas são vulneráveis devido à tendência de levar objetos à boca e à dificuldade de mastigação. Escolas, onde os pequenos passam grande parte do dia, frequentemente estão despreparadas para emergências, evidenciando a necessidade de treinamento. O estudo visa avaliar o conhecimento de profissionais de uma creche pública sobre procedimentos diante do engasgo..

Palavras-chave: Educação Infantil. Engasgo.

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil envolve qualquer forma de educação da criança, ou seja, ela na família, comunidade, sociedade e cultura. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), Brasil, (1998), a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas. É considerada a primeira etapa da educação básica, ajudando no desenvolvimento psicológico, físico e social da criança¹. Entre as injúrias não planejadas, habitualmente conhecidas como acidentes na infância, ressaltam-se as causadas por aspiração de corpo estranho¹.

A obstrução de vias aéreas por corpo estranho (Ovace), conhecida também como engasgo, decorre principalmente da falha no reflexo de fechamento da laringe, controle inadequado da deglutição e aspirações de objetos. Os sinais que a criança pode apresentar são de tosse, náuseas, agitação dos membros, ausência de e, sobretudo, levar mãos à garganta. No Brasil, mesmo com decréscimo nos valores de injúrias não em crianças nas últimas décadas, ainda são constatados mais de dois mil óbitos anualmente em menores de



cinco anos por aspiração de corpo estranho, ocupando a décima posição entre as principais causas de morte nesse grupo populacional, o que representa um importante problema de saúde pública¹.

O total de óbitos por engasgo notificados em crianças de 0-9 anos de idade, no Brasil, de 2009 a 2019, foi de 2.148. O número médio de casos por ano, de 2009 a 2019, foi 195,27. No decênio considerado, as taxas de óbitos por engasgo nesta faixa etária mostraram-se sem grandes alterações, oscilando de 174 em 2018 a 233 casos em 2013 (aumento de 33,9%)². Ressalta-se a vulnerabilidade das crianças pequenas a essa ocorrência, especialmente as menores de quatro anos, visto que nessa fase da infância existe a tendência natural de levar objetos à boca, além disso, tais crianças possuem pouca experiência em mastigar e engolir. A letalidade está relacionada à inépcia para solicitar socorro e, quando tal ocorrência não resulta em óbito, lesões permanentes e incalculáveis repercussões físicas, sociais, econômicas e emocionais para a criança, família e sociedade podem surgir e, por vezes, estender-se pela adolescência à vida adulta¹. Considerando que o ambiente escolar é onde as crianças passam a maior parte do seu dia, este se constitui um cenário onde os agravos podem acometer a saúde infantil com maior incidência. Sendo assim, os profissionais de educação possuem maiores chances de testemunhar eventos acidentais, precisando intervir de forma imediata, inclusive frente a aspiração de corpo estranho¹.

Em conhecimento disso, em 2018, no Brasil, foi sancionada a Lei N. 13.7225 que determina a capacitação em primeiros socorros de professores e funcionários de escolas, públicas e privadas, de ensino infantil e básico. Conhecida como “Lei Lucas” é uma homenagem a uma criança que veio a óbito no ano de 2017 após se engasgar com um lanche durante um passeio escolar¹. O diagnóstico precoce do engasgo é essencial, pois o retardo no seu reconhecimento e tratamento pode incorrer em sequela definitiva ou dano fatal. A manobra de Heimlich é adequada na intervenção em primeiros socorros para desobstrução de vias aéreas para todas as faixas etárias, mas a aplicação tem variabilidade de acordo com o comprimento da criança e seu nível de consciência¹.

A técnica consiste em aplicar uma pressão sobre o diafragma para expelir o ar dos pulmões e conseqüentemente liberar as vias aéreas¹. Evidências indicam que profissionais de educação infantil geralmente estão despreparados para agir em situações de primeiros socorros, ainda que já tenham vivenciado na prática profissional com crianças, e consentem com a importância do assunto para o cotidiano escolar¹.

Sendo assim, atividades de educação para prevenção e manejo da injúria não intencionais são essenciais para prevenir, identificar e intervir frente ao engasgo em crianças. A média de sobrevivência para quem não recebe prestação de socorro primário diminui a cada minuto, perdendo de 7% a 10% de chance de sobreviver³. A grande maioria de escolas e creches no Brasil não estão aptas para lidar com emergências, por esse motivo é extremamente importante que a gestão escolar capacite esses profissionais para assegurar a segurança dos alunos presentes na escola³.



Os estudos mostram um alto índice de eventos relacionado a engasgo em crianças, segundo o governo federal mais de 94% dos casos de asfixia por engasgo ocorre em crianças menores de sete anos, devido à necessidade de socorro rápido⁴. Diante do atual cenário, é de importância científica analisar o nível de conhecimento dos profissionais de educação infantil de uma creche de rede pública quanto a procedimentos realizados diante do engasgo em crianças.

2 OBJETIVO

Diante do atual cenário, é de importância científica analisar o nível de conhecimento dos profissionais de educação infantil de uma creche de rede pública quanto a procedimentos realizados diante do engasgo em crianças.

3 METODOLOGIA

Tratou-se de uma Pesquisa descritiva, com um desenho transversal e uma abordagem quali-quantitativa. Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o Parecer Consubstanciado de no 7.001.758 e CAAE de no 81667624.4.0000.5518.

A pesquisa foi realizada em uma creche de rede pública no município de Formoso do Araguaia-TO, com os profissionais de educação infantil. O critério de inclusão foi Profissionais de educação infantil efetivos de uma creche de rede pública de Formoso do Araguaia-TO, de ambos os sexos. Os critérios de exclusão foram: Profissionais de educação infantil que não concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, profissionais de educação infantil com preenchimento incompleto do questionário, profissionais de educação infantil que se encontrarem em afastamento temporário da instituição no período da coleta, merendeiras, zeladores e porteiros. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram avaliados 22 profissionais de educação infantil.

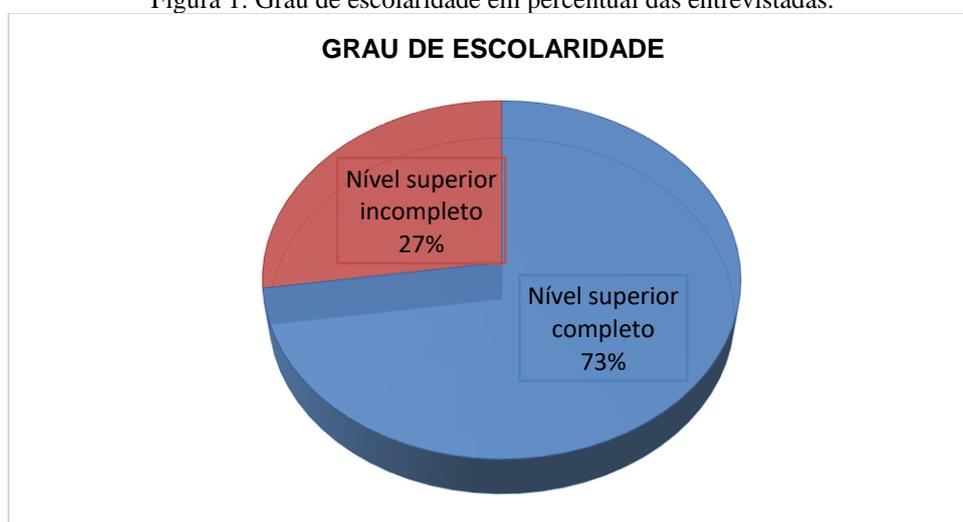
A coleta de dados foi realizada em setembro de 2024. Os questionários foram aplicados em um único dia sendo na terça-feira das 07:00 às 11:00 e 13:00 as 17:00 horas. Os dados foram coletados utilizando um questionário com 19 questões de forma presencial desenvolvido pelas autoras. O mesmo havia perguntas de fácil entendimento como: variáveis sociodemográficas, experiência com primeiros socorros, conhecimentos específicos, variáveis relacionadas à atitude e variáveis relacionadas à aptidão. E para interpretação e análise dos resultados coletados foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson e apresentado por meio de gráficos e tabelas.

4 DESENVOLVIMENTO

Nessa etapa, são expostos os dados coletados da população estudada (n=24) com total predominância do sexo feminino, com variação média da idade entre as entrevistadas de 38,95, média da experiência com educação/cuidados infantis em creches de 2,3 anos e jornada de trabalho que varia de 20 a 40 horas semanais. As pesquisadas apresentaram-se dentre as ocupações como, ajudantes de turma, professora auxiliar, pedagoga, professora, monitora, vice diretora, auxiliar de secretaria, gestora escolar e coordenadora pedagógica.

Conforme a figura 1 é apresentado o grau de escolaridade das entrevistadas com percentual de 73% relataram nível superior completo e 27% nível superior incompleto, porém com ensino médio completo.

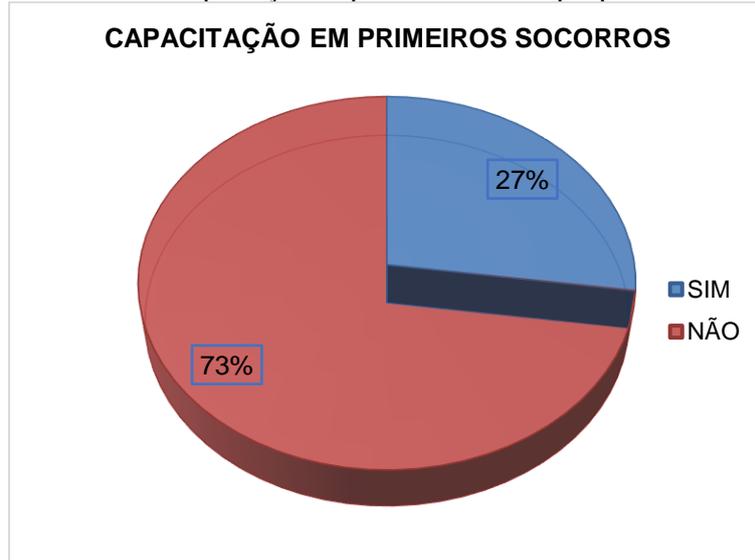
Figura 1: Grau de escolaridade em percentual das entrevistadas.



Fonte: Autores 2024.

A figura 2 apresenta em percentual um dos cenários, investigados entre a população sobre a participação em treinamentos de primeiros socorros, observando um cenário preocupante onde 72,80% das pesquisadas relataram a não vivência em treinamentos para o manejo de eventos adversos relacionado ao engasgo.

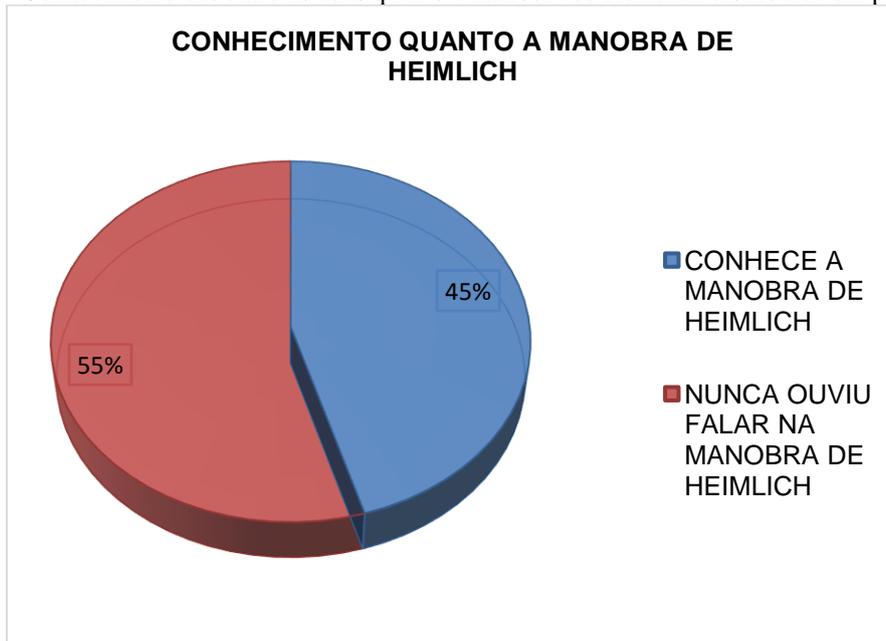
Figura 2: Relato de capacitação em primeiros socorros por percentual das entrevistadas.



Fonte: Autores, 2024.

Outro cenário investigado conforme figura 3, apresenta dados referente ao conhecimento em fazer uso da manobra de Heimlich pelas entrevistadas em caso da necessidade, o percentual de 55% para o relato de não discernimento da técnica levou a apresentar um cenário preocupante. No questionário submetido estava presente uma questão na qual se tratava sobre eventos de capacitação em primeiros socorros disponibilizado pela instituição para a equipe da unidade, dentre a população apenas um sujeito respondeu positivamente para a ocorrência do treinamento.

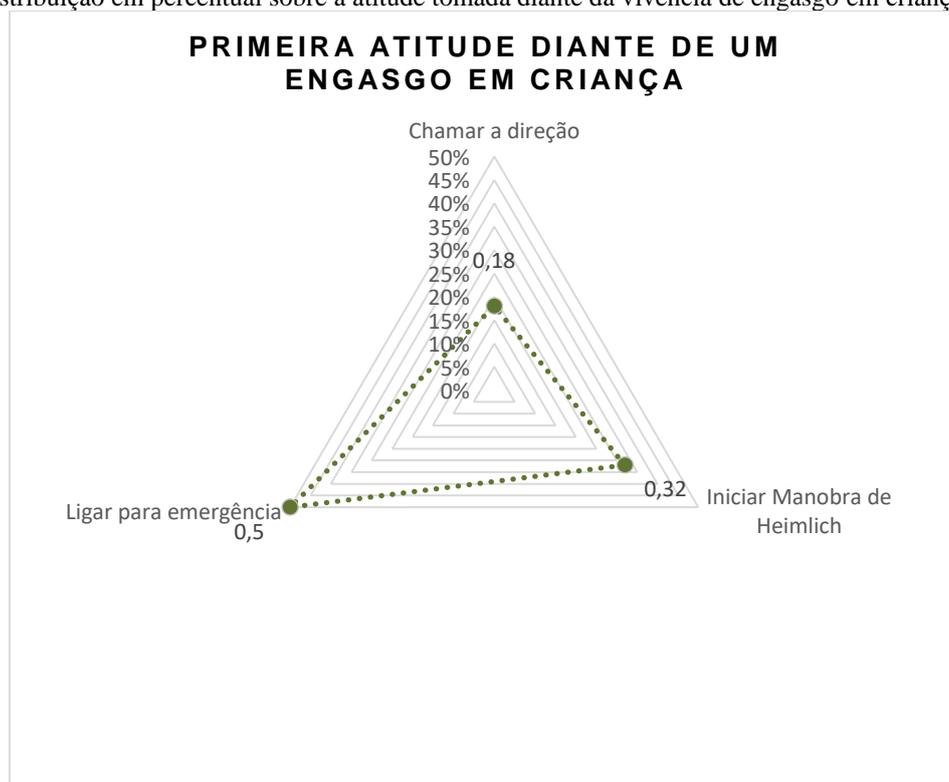
Figura 3: Conhecimento das entrevistadas quanto a manobra de Heimlich distribuída em percentual.



Fonte: Autores 2024.

Na figura 4, é notado uma distribuição em percentual com relação a primeira atitude a ser tomada pelas investigadas no estudo perante acontecimentos de engasgo em crianças na unidade onde laboram. Visto que 50% relatou procurar ajuda ligando para a emergência, como primeira atitude, 35% iniciaria a manobra de Heimlich enquanto 18% citaram buscar suporte com a direção. Dos contatos citados para emergência foram 190, 192, 193 e número do hospital local.

Figura 4: Distribuição em percentual sobre a atitude tomada diante da vivência de engasgo em crianças na unidade.



Fonte: Autores 2024.

Outro questionário levantado foi a respeito se desconhecimento para a realização da manobra de Heimlich como a pesquisa se orientaria diante do ocorrido, as respostas coletadas citaram que a atitude seria chamar a direção para tomar as decisões corretas, chamaria a colega mais próxima, colocaria a criança de decúbito ventral, chamaria a emergência, procuraria acalmar a criança e posteriormente chamar a emergência, incentivaria a criança a tossir, introduziria o dedo na garganta da criança, oferecer água e leves tapas nas costas e levaria para o pronto socorro. Neste sentido ao questionar a percepção da necessidade de treinamento para primeiros socorros 23 das pesquisadas relataram o interesse no treinamento. Ao questionar sobre ter vivenciado algum caso de engasgo apenas 6 das participantes relataram que vivenciou o ocorrido, correlacionando com possível baixa incidência de engasgos em crianças na unidade.



Tabela 1: Coeficiente de correlação produto-momento entre as variáveis linearmente comparáveis.

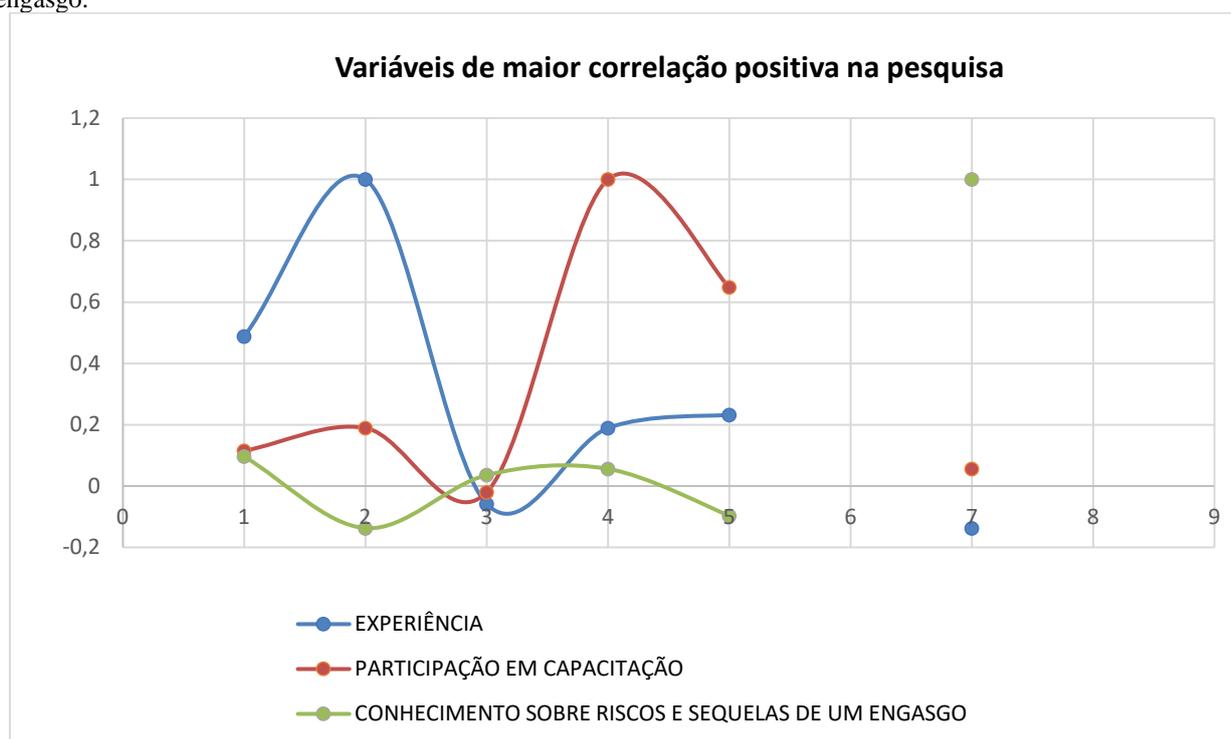
	IDADE	EXPERIÊNCIA	NÍVEL SUPERIOR COMPLETO	PARTICIPAÇÃO EM CAPACITAÇÃO	ESTUDOU PRIMEIROS SOCORROS NA GRADE CURRICULAR	CONHECIMENTO SOBRE RISCOS E SEQUELAS DE UM ENGASGO
IDADE	1	0,488541	-0,09247	0,115023	0,050311	0,096021
EXPERIÊNCIA	0,488541	1	-0,0587	0,189289	0,232375	-0,13727
NÍVEL SUPERIOR COMPLETO	-0,09247	-0,0587	1	-0,01992	-0,01293	0,035635
PARTICIPAÇÃO EM CAPACITAÇÃO	0,115023	0,189289	-0,01992	1	0,648886	0,055902
ESTUDOU PRIMEIROS SOCORROS NA GRADE CURRICULAR	0,050311	0,232375	-0,01293	0,648886	1	-0,09673
CONHECIMENTO SOBRE RISCOS E SEQUELAS DE UM ENGASGO	0,096021	-0,13727	0,035635	0,055902	-0,09673	1

Fonte: Autores 2024.

Valores positivos há correlação, ou seja, quando uma variável foi alta, a outra tende a aumentar, nos valores negativos é inverso, quando uma variável é alta a outra tende a diminuir, nota-se que houve uma tendência em ter nível superior e não ter participado em capacitação (-0,01992) com valor negativo. Em evidência que mesmo com um certo nível de experiência perante eventos de engasgo é presente baixo conhecimento sobre riscos e sequelas caso não revertido em tempo.

Outro cenário identificado com correlação (-0,01293) onde os pesquisados com nível superior completo relataram não ter estudado primeiros socorros na grade curricular, ainda aqueles que citaram ter passado pelo treinamento em sua grade relataram não ter conhecimento sobre riscos e sequelas de um engasgo (-0,09673).

Figura 5: Correlação significativa das variáveis experiência, participação em capacitação e conhecimento sobre riscos de sequelas pelo engasgo.



Fonte: Autores 2024.

Conforme a figura 5, as variáveis com maior correlação significativa apresentada no contexto estatístico foram experiência, participação em capacitação e conhecimento sobre riscos e sequelas de um engasgo.

Segundo Ribeiro⁵ os primeiros socorros é um conjunto de ações fundamentais para realizar nas vítimas diante de emergências. Os primeiros socorros podem ser compreendidos como cuidados imediatos a serem prontamente ofertados a um indivíduo que sofreu um acidente ou mal súbito, com o objetivo de preservar as funções vitais e impedir o agravamento de seu estado até a chegada de assistência qualificada.

De acordo com Brito⁶ os acidentes na creche são um problema grave da educação pública, no ambiente da instituição de educação infantil as crianças são mais suscetíveis aos acidentes, pois além da vulnerabilidade ocasionada pela própria idade e a mudança para creche pode induzir um alto grau de tensão, interferindo nos padrões comportamentais.

As crianças são indivíduos vulneráveis a riscos de acidentes, uma vez que se encontram em pleno crescimento e desenvolvimento cognitivo e motor fazendo assim com que o comportamento dessas crianças se modifique rotineiramente de acordo com as descobertas de novas habilidades. Esse processo é evidenciado pela alteração do ambiente domiciliar para a instituição de ensino, devendo assim os profissionais da educação estarem aptos para agir de forma correta diante de uma situação de urgência ou emergência⁷.



Para Ferreira⁹ a ausência de capacitação e preparo em primeiros socorros reflete negativamente nos processos de gestão da saúde, manifestando-se na carência de atendimento imediato ou na execução de procedimentos inadequados, pois o conhecimento básico em primeiros socorros prepara os profissionais de educação tanto nas esferas educacionais como fora delas, possibilitando a fornecimento de auxílio nos minutos cruciais após um incidente. Porém, ao se deparar com uma situação de emergência no âmbito escolar, os professores apresentam-se despreparados para atuar de forma correta, pois os professores não adquirem conhecimento sobre primeiros socorros de maneira específica, durante o período da graduação e não passam por capacitações posteriormente.

Nesse sentido, Leite¹⁰ afirma que os profissionais da educação não apresentam conhecimentos suficientes sobre primeiros socorros, que é importante para prevenção, avaliação e conduta em situações de urgência e emergência que acontecem em âmbito escolar, devendo esses profissionais receberem capacitações para saberem atuar a frente de uma situação de acidente, pois apesar de serem medidas simples, são primordiais para subsistência da vida e prevenção de agravos.

Assim as práticas de educação em saúde são medidas que apresentam significativos resultados para a formação do conhecimento em primeiros socorros para profissionais de educação, sendo um método desenvolvido pelo Programa Saúde na Escola no qual determina medidas para que a promoção de saúde seja realizada no âmbito escolar¹¹.

Castro ressalta sobre o cumprimento da Lei nº 13.722/2018 para garantir um ambiente seguro para as crianças e profissionais. Diante dessas circunstâncias a pesquisa buscou identificar o nível de conhecimento dos profissionais e sua aptidão diante de um engasgo, e notoriamente as profissionais de educação não se sentem preparadas e não foram instruídas para lidar com esse evento de forma eficaz. Uma vez que os professores e monitores necessitam de treinamentos em primeiros socorros e confiança para realizar o atendimento a vítima. Deve-se trabalhar a importância dos primeiros socorros no ato de um acidente evitando assim que o menor piore seu quadro.

Esse estudo indica relevância para que as práticas de educação em saúde com ênfase em primeiros socorros para profissionais da educação infantil seja uma intervenção praticada nas creches, visto que esse conhecimento é de grande importância e que as práticas educativas se mostram positiva, conforme os resultados apresentados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acidentes em ambiente escolar são bastante comuns e há um despreparo dos professores e funcionários de creches para agir frente a uma situação de primeiros socorros. Além disso foi possível

identificar uma preocupação dos profissionais por não terem o conhecimento teórico prático adequado sobre a temática, dificultando ainda mais a assistência quando necessária.



A pesquisa evidenciou que professores e funcionários possuem conhecimentos, atitudes e práticas insuficientes para realizar os primeiros socorros, apesar de serem eles que presenciam e na maioria das vezes realizam o primeiro atendimento no âmbito escolar. Esse despreparo pode trazer consequências à criança e impactar no tratamento e prognóstico. Em relação ao conhecimento em que a comunidade escolar baseia suas atitudes, perante os primeiros socorros, destaca-se o senso comum, em geral sem cunho científico.

Almeja-se que a presente pesquisa venha possibilitar o desenvolvimento de outros estudos, compreendendo e abordando as lacunas referentes as estratégias e metodologias de ensino utilizadas para capacitação de professores e funcionários nas creches para o atendimento e realização prática de primeiros socorros.



REFERÊNCIAS

1. JONGE, A. L. et al. Conhecimentos de profissionais de educação infantil sobre obstrução de vias aéreas por corpo estranho. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 6, p. 192-198, 2020. Acesso em: 1 abr. 2022.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Datasus: Indicadores epidemiológicos de morbimortalidade por causas externas. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/ext10uf.def5>. Acesso em: 17 mar. 2021.
3. ALMEIDA, A. C. S.; RODRIGUES, H. M.; SANTOS, L. A. S. Como podemos diminuir a mortalidade em creches devido à falta de conhecimentos de primeiros socorros. *Ric-Cps*, [s.l.], [s.n.], [s.d.]. Acesso em: 20 jun. 2023.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança: orientações para implementação. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/pnaisc/>. Acesso em: 8 set. 2020.
5. RIBEIRO, T. J.; FERREIRA, Y. C. S. Lei Lucas: Avaliação do conhecimento e da preparação de professores do ensino fundamental em relação aos primeiros socorros. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico em Segurança do Trabalho) – ETEC Darcy Pereira de Moraes, Itapetininga, 2023.
6. BRITO, J. G.; OLIVEIRA, I. P. D.; GODOY, C. B. D.; FRANÇA, A. P. D. S. J. M. Efeito de capacitação sobre primeiros socorros em acidentes para equipes de escolas de ensino especializado. *Revista Brasileira de Enfermagem*, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1057775>.
7. REZER, F.; ROSA, G. P. Importância das práticas educativas sobre primeiros socorros para profissionais da educação básica. *Revista da Saúde da AJES*, v. 9, n. 17, 2023.
8. BRITO, J. G.; SILVA, I. M. D.; GODOY, C. B. D.; FRANÇA, A. P. Avaliação de treinamento sobre primeiros socorros para equipe técnica de escolas de ensino especializado. *Cogitare Enfermagem*, v. 24, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1055932>.
9. FERREIRA, M. N. et al. O leigo em primeiros socorros: uma revisão integrativa. *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, v. 15, n. 3, p. 12-20, 2017. Disponível em: [inserir link, se aplicável]. Acesso em: 2 nov. 2023.
10. LEITE, H. S. N. et al. Primeiros socorros na escola: conhecimento da equipe que compõe a gestão educacional. *Tema em Saúde*, [s.l.], 2018.
11. CASTRO, J. Á.; CORDEIRO, B. C.; ANDRADE, K. G. M. Conhecimento e a importância dos primeiros socorros para professores e funcionários de uma instituição de ensino federal do Rio de Janeiro. *Debates em Educação*, v. 11, 2019.
12. BRASIL. Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018. Torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2018.



13. MIRANDA, P. S.; SILVA, L. F.; CURSINO, E. G.; VIANA, I. S.; MACHADO, M. E. D. Conhecimento, atitudes e práticas em primeiros socorros no ambiente escolar: uma revisão integrativa. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 13, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.19175/recom.v13i0.4453>.